



Teorias e Práticas da
**PSICOPEDAGOGIA
INSTITUCIONAL**

Dayse Carla Gênero

Psicopedagogia institucional na escola: desafios e processos

Agora que já sabemos como funciona a atuação da Psicopedagogia Institucional, vamos nos deter na atuação psicopedagógica institucional escolar e verificar de que maneira a Psicopedagogia, como teoria e prática, pode colaborar para o aperfeiçoamento de todos os profissionais da educação no cotidiano da escola.

Se eu pedisse para você enumerar agora todos os assuntos do cotidiano da escola que se configuram em desafios para os educadores de um modo geral, quais seriam esses assuntos? Vamos ficar longas horas conversando sobre eles, não é mesmo? Os desafios são proporcionais à complexidade do espaço escolar, pois a nossa maneira de dar aulas, a forma como elaboramos o nosso planejamento, a nossa avaliação, a forma como conversamos com um aluno que cometeu um ato de indisciplina, entre outras atividades, traduzem a nossa forma de ver o mundo e, o mais importante, a nossa concepção de Educação.

Todos nós, professores, já estudamos as tendências pedagógicas da educação brasileira e sabemos que, em cada período da história, o professor, o aluno e a direção da escola se comportam de uma maneira diferente. Da mesma forma, os métodos de ensino, os conteúdos que ensinamos não são os mesmos. Isso acontece porque a Educação está inserida num contexto muito mais amplo que é a sociedade e, é claro, ao mesmo tempo em que sofre influências desta, também ratifica ou colabora para a transformação de algumas práticas sociais. Em suma, para cada tempo, novos desafios. Podemos concluir, então, que a prática psicopedagógica deve, obviamente, apoiar-se em bases teóricas sólidas, mas deve também adotar um pensamento dialético e contextualizado, sob pena de se transformar em algo obsoleto para a Educação.

Voltemos aos desafios presentes no ambiente escolar. São inúmeros, como já dissemos, mas, como o nosso curso não pretende esgotar nenhum assunto, ao contrário, pretende colaborar para o exercício da reflexão de questões aqui propostas e das que possam surgir, elegemos alguns desafios contemporâneos para iniciar a nossa conversa. São eles:

- o fracasso escolar;
- o currículo;
- o planejamento com enfoque psicopedagógico;
- a avaliação da aprendizagem;
- conselho de classe;
- trabalho com projetos;
- afetividade e aprendizagem;

- reuniões de pais;
- formação continuada de profissionais da educação;
- indisciplina na escola;
- inclusão.

Alguns dos temas escolhidos serão aprofundados nas próximas aulas, pois, além de serem objetos, são também sintomas de problemas individuais ou institucionais e, ainda, instrumentos de intervenção psicopedagógica. Por exemplo, fracasso escolar será revisto e aprofundado na aula 5; afetividade e aprendizagem, na aula 7; indisciplina, na escola na aula 9; currículo na aula 11; planejamento escolar, na aula 12; avaliação, na aula 13; inclusão, na aula 14 e, finalmente, família e aprendizagem, na aula 15. Então, vamos aos desafios e mãos à obra.

Fracasso escolar

Eis um problema nacional. Por que tantas crianças e jovens não conseguem aprender? Especialmente no período da alfabetização, o problema do fracasso escolar tem tirado o sono dos professores. Ao analisar a questão, procuramos as causas no próprio aluno, muitas vezes atribuindo os seus resultados à falta de interesse, à ausência de investimentos na aprendizagem e até mesmo à existência de alguma deficiência que impede a aprendizagem de transcorrer normalmente. É comum também que o problema seja atribuído ao contexto familiar, às condições sociais do aluno e, ainda, à privação cultural. Todos esses fatores podem representar, certamente, causas para o não aprender. Ou, ainda, o fracasso escolar pode ter origem num conjunto de causas anteriormente apresentadas que se entrelaçam. No entanto, é preciso ter cuidado para não “responsabilizar” o aluno pelo seu fracasso escolar, pois nem sempre o problema está localizado no próprio sujeito. Recomenda-se que o professor também reflita sobre a sua prática pedagógica, especialmente sobre as atividades repetitivas e sobre as experiências de aprendizagem que são oferecidas, que nem sempre respeitam a individualidade dos alunos. Todos nós, crianças ou adultos, temos os nossos modelos próprios de aprendizagem e, dessa maneira, a aprendizagem torna-se um processo muito singular.

Não se trata de buscar culpados para o fracasso escolar, nem de responsabilizar os professores, mas buscar alternativas que estão ao nosso alcance para solucionar o problema. Afinal, podemos trabalhar em conjunto com as famílias de nossos alunos, mas não podemos promover grandes alterações dentro desse contexto, podemos oferecer oportunidades de enriquecimento cultural na escola, mas não solucionar os problemas sociais e de privação cultural de nossos alunos. Então, a questão é: como podemos fazer com que o nosso aluno aprenda, apesar das adversidades? É nosso papel de educador buscar alternativas, e muitas delas são possíveis de serem realizadas dentro da escola.

Aprender algo requer interesse pelo objeto; numa linguagem psicopedagógica, requer desejo. É preciso que a escola faça sentido na vida do aluno e que ele

não pense que alguns nasceram para estudar e outros não, caindo nas armadilhas do sistema capitalista e neoliberal. Mas nós só conseguimos desejar aquilo que possui algum significado para nós. Aí entra o papel do professor na hora de eleger as oportunidades de aprendizagens significativas. Procurar mostrar para os alunos o sentido da educação e seus benefícios, bem como a necessidade de investimentos a longo prazo, também produz efeitos interessantes e, é claro, é bom evitar os discursos preconceituosos como “estudar para vencer na vida”, “estudar para ser alguém”. O mestre Paulo Freire pode nos ajudar a organizar um discurso de convencimento respeitoso e dialético sobre a importância do ato de estudar.

Para a Psicopedagogia, cada um de nós aprende de uma forma diferente e o professor, na maioria das vezes, trabalha com números médios ou grandes de alunos. Assim, é impossível promover atividades individualizadas o tempo inteiro. Então, uma das soluções seria oferecer o maior número possível de atividades diferenciadas para um mesmo conteúdo, dando oportunidade para as diferenças dos modelos de aprendizagem operarem. Também não podemos nos satisfazer se parte da turma aprende e parte não. Se alguns alunos não acompanham a turma, não devemos esperar pelos períodos oficiais de recuperação para fazer algo. É necessário pensar de que maneira podemos utilizar a epistemologia convergente, ou seja, a integração de áreas do conhecimento para oferecer oportunidades diferenciadas de aprendizagem para os alunos com dificuldades. O trabalho diversificado ainda é uma boa alternativa para que o professor tenha condições de dar maior atenção aos grupos de alunos com dificuldades.

O currículo

Seja qual for a escola, seja qual for a sociedade, uma coisa é certa: há um currículo definido para ser ensinado e que serve à sociedade no qual ele está inserido. Ou seja, a escola “presta serviços” à sociedade educando os seus cidadãos e entregando-os à sociedade para servi-la. Em contrapartida, a sociedade “diz” para a escola o que ela precisa ensinar aos seus cidadãos. Portanto, no momento da organização do currículo escolar, devemos nos perguntar o que precisamos ensinar aos nossos alunos de acordo com a nossa cultura. Isso nos faz concluir que nenhum currículo é neutro, ao contrário, está permeado de fatores sociais, políticos e econômicos.

Organizar um currículo é tarefa de toda a escola e não só do professor, e não é apenas o componente sociopolítico que deve interferir na organização do currículo. Os componentes afetivos, cognitivos e biológicos também devem ser levados em conta na sua construção. É necessário que a escola fundamente o seu trabalho teoricamente e que construa um currículo adequado às condições afetivas, cognitivas e biológicas de cada grupo de alunos, pois, se ele for complexo demais para determinado nível de desenvolvimento, certamente estaremos “fabricando dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar, mas se for além das possibilidades do aluno, estamos impedindo que ele se desenvolva”.

O planejamento com enfoque psicopedagógico

O planejamento é uma das atividades mais privilegiadas do cotidiano escolar, pois ele representa um momento de reflexão sobre o que vamos ensinar, sobre os conteúdos que precisam ser fixados, revisados, ou, ainda, ensinados de uma outra forma. Conhecemos vários níveis de planejamento que se traduzem em planos, pois o planejamento é a atitude de planejar, e o plano é a atividade.

Normalmente, ao executarmos um planejamento, traçamos objetivos, estratégias ou procedimentos, recursos didáticos e avaliação. Em todos os níveis de planejamento, podemos encontrar essa estrutura básica. Outros aspectos podem ser acrescentados, tais como o tempo, o número de horas, os recursos de incentivo, os tipos de exercícios que serão aplicados etc. No entanto, os primeiros itens não podem faltar, pois representam o eixo de nossa ação pedagógica.

O papel da Psicopedagogia no planejamento escolar é refletir sobre as ações pedagógicas e suas interferências no processo de aprendizagem do aluno. No momento de formular os objetivos, devemos ter cuidado para que eles não se resumam à execução de atividades, já que devem promover um crescimento cognitivo de nossos alunos e construir competências e habilidades de utilização permanente nas suas vidas. É claro que nenhum objetivo geral (aqueles que são traçados para alcance a longo prazo) poderá ser alcançado em um dia de aula, mas, se o professor compreende o conhecimento como um processo de construção, ele terá em mente que nenhuma atividade tem um fim em si mesma, pois ela existe para funcionar como instrumento que leva ao alcance dos objetivos e para “provocar” a cognição dos nossos alunos.

Quanto às estratégias (ou procedimentos), é importante refletir sobre qual a melhor forma de ensinar, ou melhor, a melhor forma de construir cada conhecimento junto aos nossos alunos. Já falamos que os modelos de aprendizagem são diferentes e que cada aluno tem o seu, e que, portanto, variar nas estratégias é fundamental, pois, dessa forma, as chances de atingir as diferenças individuais são maiores.

A aprendizagem ocorre com mais facilidade quando sentimos prazer no ato de aprender e quando o conteúdo possui significado simbólico ou prático para nós. É aí que entra a criatividade do professor para organizar experiências de aprendizagem significativas, vibrantes, que envolvam os educandos. A experimentação também é uma ótima alternativa. Quando os alunos praticam, pesquisam ou experimentam, as chances de compreender as bases teóricas do conhecimento são maiores. Partir da prática para a teoria facilita a compreensão e evita a memorização sem compreensão. Por exemplo, ao ensinarmos uma fórmula de Física ou Matemática, podemos procurar fazer demonstrações práticas e deduções até chegarmos à fórmula em si.

Uma queixa muito comum das escolas, em geral, é a falta de materiais e recursos técnicos para o desenvolvimento das aulas. É certo que os recursos ajudam bastante, especialmente na facilitação do dia a dia, colaborando para que a

turma fique mais motivada, mas, para a Psicopedagogia, que valoriza muito o componente afetivo para a aprendizagem, os únicos “recursos” que não podem faltar são o desejo de aprender e o desejo de ensinar. Com materiais simples e com muita criatividade, professores e alunos podem construir mecanismos de grande utilidade para a aprendizagem.

A avaliação contida no planejamento pode sugerir o final do processo, não é mesmo? Pode ser que de fato o seja, se quisermos, com esta avaliação, apenas saber se o que foi ensinado foi realmente aprendido. Mas a avaliação pode significar também o início do ciclo docente (planejamento, execução e avaliação), já que partiremos dela para planejar a aula seguinte. A avaliação nos dirá o que foi aprendido, o que precisa ser revisado, o que precisa ser fixado etc. Além disso, sonda a aprendizagem do aluno, mas também o que o professor ensina.

É importante que fique claro que, ao avaliar, o professor não deve prestar atenção somente no aluno e sim na aprendizagem. Para isso, ele não precisa necessariamente fazer uso de testes e provas. Atividades de sala de aula, como trabalhos em grupo, exercícios, projetos e a observação do professor, podem dizer muito sobre a aprendizagem dos alunos.

Avaliação de aprendizagem

Vamos tratar, agora, de um dos assuntos mais polêmicos da educação: a avaliação. Historicamente, a avaliação tem sido usada por muitos educadores como instrumento de poder sobre o aluno, incentivando uma relação mercantilista com o saber. Ou seja, o aluno aprende a estudar para tirar o número de pontos que precisa para ser aprovado. O sentido da aprendizagem é o de troca pelos pontos, ou melhor, a nota é o salário pago pelo tempo dedicado ao estudo. Alguns alunos chegam a estudar para tirar somente os pontos necessários para a aprovação, deixando a ideia do estudo para o desenvolvimento intelectual e pessoal completamente de lado.

Entendemos que a forma de avaliação que o professor escolhe é uma consequência de toda a sua prática pedagógica; portanto, se nas aulas há um incentivo à “decoreba” e à apreensão de ideias soltas, descontextualizadas, a avaliação não pode ser diferente.

Pensemos, também, no absurdo que representa a utilização de médias para calcular a nota do aluno. Quando um aluno tira uma nota baixa e depois melhora o seu rendimento, a sua nota anterior é somada à nota mais alta e é feita a média aritmética entre elas. Ou seja, mesmo melhorando, o aluno sempre será punido pelo seu rendimento anterior. Ou, ainda, somamos e tiramos médias de resultados de áreas do conhecimento completamente diferentes. Isso seria justo? Por outro lado, se a escola esconde dos alunos a realidade das provas, o mundo mostrará, pois o estudante encontrará provas para ingressar na universidade (afinal, o vestibular ainda é uma realidade na nossa sociedade) e encontrará também os processos seletivos para ingressar no mercado de trabalho, ou para continuar sua carreira acadêmica, entre outros momentos. Logo, se a escola também tem como

função preparar o aluno para a vida, não tem o direito de lhe negar a realidade. No entanto, podemos trabalhar com a avaliação humanizada, que é a proposta da Psicopedagogia.

Vamos tratar de alguns princípios da avaliação humanizada. Se exercemos o magistério em uma sociedade que quantifica o conhecimento e o traduz em notas, não podemos nos contentar em aprovar um aluno que tirou média 5. Pense no absurdo que representa aprovar um aluno que aprendeu 50% do que ensinamos em sala. Ao compararmos o trabalho do professor com o de um médico, verificamos que nenhum médico se dá por satisfeito se o seu paciente estiver 50% curado, não é mesmo? Resta-nos lutar para “aumentar” esse percentual de aprendizagem dos alunos. Como? Oferecendo-lhes oportunidades de refazer a avaliação até que eles demonstrem que alcançaram um rendimento melhor porque suas dúvidas foram sanadas.

A oferta de oportunidades diferenciadas de avaliação e não somente a utilização de testes e provas também pode contribuir e estimular a aprendizagem. Além disso, é importante que, ao formularmos essas situações de avaliação, procuremos sempre baseá-las em situações concretas, presentes de fato no cotidiano. Tornar o aluno personagem da questão.

Não podemos também abrir mão da autoavaliação. Afinal, desenvolver a consciência crítica dos nossos alunos também é nosso dever, e a autoavaliação é um excelente recurso para o desenvolvimento da autoconsciência. A autoavaliação pode ser feita desde a Educação Infantil, com utilização de desenhos e legendas.

A utilização da avaliação qualitativa também é bem-vinda. Listar habilidades e comportamentos que desejamos trabalhar em nossos alunos e que, por causa da sua carga subjetiva não podem ser quantificadas, mas podem ser apreciadas e qualificadas pelo professor, podem dizer ao aluno coisas que as notas não conseguem dizer.

Conselho de classe

O conselho de classe é um momento de muita importância para a comunidade escolar e, infelizmente, é desperdiçado por muitos educadores. Há desperdício quando se transforma num momento de lamentações e de críticas improdutivas aos alunos. O conselho de classe deve ser visto como uma oportunidade (rara muitas vezes) de reunir professores de diferentes áreas para conhecer melhor os alunos, promover a integração do trabalho pedagógico e, acima de tudo, planejar alternativas de intervenções psicopedagógicas para os alunos que estão com dificuldades para aprender. Como vimos nos itens anteriores, planejamento e avaliação são elementos indissociáveis e o conselho de classe é um momento de avaliação. É uma oportunidade de ação coletiva dos profissionais da escola não só para os problemas de aprendizagem como também para os problemas de indisciplina, administrativos e operacionais da escola. Contudo, não devemos permitir que o burocrático sufoque o pedagógico.

Trabalhando por meio de projetos

Muitos autores já trataram da importância de se trabalhar com projetos. Dewey já tratava do assunto e, dada a sua pertinência, o tema continua atual. A maior vantagem de trabalhar com projetos, segundo a maioria dos autores, é a possibilidade de integrar as diferentes áreas do conhecimento, bem como promover a integração entre os alunos e a autonomia intelectual. Além disso, os educandos aprendem a pesquisar, estratégia pouco utilizada na escola ou utilizada de forma equivocada, pois a maioria das pesquisas escolares param na fase da coleta de dados. Os projetos devem surgir de um problema real e, portanto, devem ter seus temas originados de debates com os alunos. Não cabe ao professor criar os temas de projetos, sob pena de não oferecer sentido aos alunos. Ao eleger o tema, o professor direciona o grupo para a investigação, primeira fase da pesquisa, posteriormente para a formulação dos assuntos aprendidos e, na última fase, temos a apresentação, e, portanto, a avaliação do trabalho.

Afetividade e aprendizagem

Pichon-Rivière, na Teoria do Vínculo, ressalta a importância deste para a aprendizagem. Todos temos exemplos, em nossa história de aprendizagem, de professores que, com sua afetividade, fizeram com que gostássemos de suas disciplinas e até tivéssemos facilidade de aprender por causa deles. Mas também tivemos a experiência contrária: professores que desprezavam a afetividade e dificultavam bastante o nosso aprender. Não é à toa que temos preferências por algumas disciplinas e temos aversão a outras, como também não é à toa que escolhemos a profissão de educador. Diga-se de passagem, se fizemos esta escolha profissional, segundo a Psicopedagogia, é porque o nosso vínculo com a aprendizagem foi muito mais positivo do que negativo.

Quando um aluno apresenta dificuldades para aprender, segundo a Psicopedagogia, uma das primeiras tarefas do educador é o resgate da autoestima do educando, pois ninguém consegue aprender se não conseguir investir no ato de aprender, e ninguém consegue investir na própria aprendizagem se não tiver o desejo de aprender e acreditar nas suas possibilidades. Então, cabe ao professor oferecer aos seus alunos oportunidades de acerto, experiências positivas que os conduzam ao desejo de continuar aprendendo para continuar acertando. São raríssimos os casos de alunos que recebem o fracasso escolar como um desafio a ser superado, afinal, isso exige uma maturidade que a criança não possui. Será necessário que o professor presenteie o aluno com um recurso valioso e que nada custa: o elogio. Elogiar é altamente reforçador do sucesso.

Reuniões de pais

A sociedade mudou, assim como os nossos pais e alunos também mudaram. O número de mulheres no mercado de trabalho, em algumas regiões do Brasil,

muitas vezes, é superior ao número de homens, sendo que muitas delas mantêm suas famílias sozinhas. Em suma, a família mudou bastante ao longo dos anos e isso nos faz pensar que as relações entre a escola e a família não podem ser as mesmas.

É comum ouvirmos queixas, por parte das escolas, sobre a pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, inclusive que nas reuniões de pais a frequência é baixíssima, e também é frequente ouvir dos pais que a escola possui alguma falha e que gostariam de ser mais ouvidos pelos professores e equipe técnica. Refletir sobre esses desencontros é necessário para o bem da aprendizagem de nossos alunos. Alguns procedimentos muito simples podem ajudar no progresso dessas relações. Por exemplo, as reuniões podem variar de dia e horário, a fim de concentrar o maior número possível de pais. Ou, ainda, mantermos um horário fixo, depois de ter levantado a disponibilidade dos pais. As reuniões devem ser breves e respeitar o horário marcado. Além disso, é bom que tratemos dos assuntos coletivos, e os individuais devem ser agendados para uma conversa em particular.

Quando se tem uma visão psicopedagógica, enxergamos os pais de nossos alunos como seres também em processo de aprendizagem e, por isso, em alguns momentos da reunião, cabem “prescrições”, sugestões de como os pais podem agir em casa para conduzir os estudos de seus filhos, sem, com isso, tornarem-se professores particulares dos filhos. Muitos pais afirmam textualmente, especialmente quando o problema é o comportamento, que não sabem o que fazer com seus filhos. Devemos acreditar nesse “não saber” e colaborar com eles, oferecendo-lhes leituras, pequenos vídeos, estudos de caso, algumas atividades práticas, enfim, tornar a nossa reunião o mais produtiva possível.

É importante, também, que as reuniões tenham momentos informativos e momentos formativos, isto é, de construção de saberes. Além disso, é bom que os pais possam ver algumas atividades que foram desenvolvidas pelos seus filhos e que saibam onde eles tiveram maior facilidade ou dificuldade, bem como informar como serão os próximos meses de aula e de que maneira eles podem participar.

Se permitirmos que os pais de nossos alunos falem, vamos aprender com eles e descobrir talentos que podem ser úteis para a escola.

Formação continuada de profissionais da educação

Phillipe Perrenoud nos orienta que uma das competências do professor deve ser gerir a própria formação. Como profissionais da educação e da aprendizagem, sabemos que a nossa formação é um processo contínuo, sem fim. Participar das oportunidades de formação continuada oferecidas pelo nosso local de trabalho, bem como participar autonomamente de outros, é uma forma de aprimorar o nosso trabalho.

As leituras de livros e periódicos diversos também são ótimos recursos, pois colaboram para que o professor passe de leitor para autor de conhecimentos e, por que não, um professor-pesquisador. Pedro Demo afirma que o professor que nunca foi pesquisador também nunca foi professor, pois ele torna-se um mero repetidor de informações, no lugar de produzir conhecimento.

Indisciplina na escola

Talvez um dos grandes desafios de nossos tempos seja a construção dos limites e da ética dentro da escola. Um tema tão polêmico quanto importante, tanto que mereceu, em nosso estudo, uma aula específica.

Temos notícias de que muitos professores, competentes em sua área, possuem dificuldades para desenvolver o seu trabalho em função do comportamento de seus alunos. A Psicopedagogia entende que esse comportamento pode ser um problema relativo de aprendizagem, com bases na afetividade do sujeito e na sua relação com o ato de aprender, e que, portanto, essa relação pode ser construída (ou reconstruída) por meio do vínculo afetivo entre professor e aluno. No entanto, a construção da ética na escola não pode ser uma atitude isolada do professor, e sim projeto de toda a escola. É bom que o professor também reveja o seu procedimento, pois, se analisarmos o cotidiano de nossa escola, alguns alunos com problemas de indisciplina não agem de forma inadequada com todos os professores, mas com alguns. Isso nos faz pensar que o problema também pode não estar no aluno nem no professor, mas na relação que os une, que é o conhecimento.

Inclusão

Inclusão é um tema bastante amplo, pois ela não se restringe aos portadores de necessidades especiais. Os excluídos nesse grande Brasil são muitos e as exclusões vão desde questões raciais e étnicas até os problemas de desemprego. O fracasso escolar também merece uma análise sobre inclusão, pois, na verdade, esses alunos “não estão na escola”. No entanto, como teremos uma aula específica sobre fracasso escolar, trataremos aqui brevemente do desafio da inclusão do portador de necessidades especiais na escola.

Durante muito tempo, esses alunos estiveram fora da escola, recebendo uma educação segregada. Os professores, por sua vez, não recebiam, em seus cursos de formação, uma qualificação adequada para trabalhar com os portadores de necessidades especiais. No entanto, a inclusão se faz hoje uma realidade presente na maioria das escolas e, preparados ou não, esses professores estão recebendo os alunos especiais.

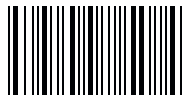
É preciso sair do modelo de integração em direção ao modelo da inclusão, pois, enquanto a integração significa a abertura da vaga para o portador de necessidades especiais, mas não a adaptação da organização da escola para recebê-lo, a inclusão só é inclusão porque faz uma série de adaptações, de grande e pequeno porte, para melhor receber o aluno e promover a aprendizagem.

Teorias e Práticas da
**PSICOPEDAGOGIA
INSTITUCIONAL**

Fundação Biblioteca Nacional
ISBN 978-85-387-3051-4



Código logístico



48503